Escrevivência: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo

Escrevivência[1]: feminine and african descent perspective in Conceição Evaristo's poetry

Ella Ferreira Bispo[2]
Sebastião Alves Teixeira Lopes[3]

RESUMO: Considerando a produção literária e ensaística da escritora Conceição Evaristo, sobremodo seu projeto estético e político definido como *escrevivência* (2005, 2007, 2009), a presente pesquisa pontua algumas considerações quanto à autorrepresentação de mulheres negras na literatura brasileira. Dessa forma, percebemos que a voz autoral de Conceição Evaristo, à medida que expressa marcas do seu pertencimento sociocultural, favorece a abertura de espaços onde vozes socialmente negligenciadas tornam-se audíveis.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Escrevivência. Ponto de vista. Autorrepresentação.

Do fogo que em mim arde

Sim, eu trago o fogo, / o outro,
não aquele que te apraz. / Ele queima sim,
é chama voraz / que derrete o bivo do teu pincel
incendiando até as cinzas / o desejo-desenho que fazes de mim

Sim, eu trago o fogo, / o outro,
aquele que me faz, / e que molda a dura pena
de minha escrita. / É este o fogo,
o meu, o que me arde / e cunha a minha face
na letra desenho / do autorretrato meu.

Conceição Evaristo,

[1] Neologism coined from the Portuguese words 'escrever' (to write) and 'vivência' (personal experience acquired during one's life), implying to write according to one's personal life, that is, from one's social, racial, and gender perspective.

[2] Mestranda no PPGEL da Universidade Federal do Piauí, bolsista CAPES, integrante do Projeto de Pesquisa *Teseu, o labirinto e seu nome* e do Grupo de Pesquisa *Americanidades: lugar, diferença e violência*.Ademais, participa do IFARADÁ (UFPI). E-mail: ellafbispo@gmail.com

[3] Professor Associado da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduado em Letras-Português (1990) e Letras-Inglês (1991), ambos pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre em Letras, Área de Concentração: Inglês e Literatura Correspondente (1996), pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Doutorado em Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Norte-Americana (2002) pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado pela Universidade de Winnipeg (2007) e Universidade de Londres (2014). E-mail: slopes10@uol.com.br

Revista Língua & Literatura, v. 35, n. 20, p. 186-201, jan./jun. 2018.
Recebido em: 31 ago. 2017
Aprovado em: 13 dez. 2017

Segundo pesquisas de mapeamento do romance brasileiro, coordenadas porRegina Dalcastagnè (2008), quase 80% dos personagens da literatura nacional são brancos – e estes dados aumentam quando se trata de protagonistas e, especialmente, de narradores. O *corpus* analisado na mencionada pesquisa é constituído por 258 romances de autores brasileiros publicados pelas editoras de maior prestígio em nosso país: Companhia das Letras, Record e Rocco. Entre os resultados apresentados, temos "165 escritores diferentes, sendo que os homens representam 72,7% do total dos autores publicados. Mas a homogeneidade racial é mais gritante: são brancos 93,9% dos autores e autoras estudados [...]" (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 89).

A larga diferença entre a difusão da produção literária de autores brancos e negros ressalta os privilégios concretos e simbólicos de um grupo em relação ao outro. Maria Aparecida Bento ressalta que "os brancos saíram da escravidão com uma herança simbólica e concreta extremamente positiva, fruto da apropriação do trabalho de quatro séculos de outro grupo" (2002, p.27).O fortalecimento do poder simbólico atinente ao grupo branco em detrimento dos demais – dado de forma intencional ou não – é uma repercussão da *branquitude* (BENTO, 2002), que demarca padrões idealizados a partir da elite branca brasileira com o propósito de potencializar o racismo. Em concordância com Dalcastagnè (2008),ressaltamos que séculos de racismo estrutural tem dificultado as possibilidade de pessoas negras ocuparem espaços de poder e interlocução.

Ainda que possamos admitir a possibilidade de que dentro do contingente literário produzido por autores e autoras brancas haja a representação de múltiplos pontos de vista, tal artifício não é suficiente para oportunizar a agência de grupos socialmente excluídos. Utilizando a noção de *perspectiva social* preconizada por Iris Marion Young, Dalcastagnèassevera que "do lado de fora da obra, não há o contraponto; quer dizer, não há, no campo literário brasileiro, uma pluralidade de perspectivas sociais" (2008, p. 89). Ademais, tal como o assegurado por Bento (2002), todo grupo necessita de referenciais próprios para firmar sua autoestima, seu autoconhecimento e a valorização de suas características, de forma a fortalecer-se.

No artigo intitulado "Representação política, identidades e minorias" (2006) Iris Marion Young discorre sobre a noção de *perspectiva social* e nos aponta que cada posição social usualmente implica em compreensões diferenciadas dos eventos sociais. Visto

que“pessoas diferentemente posicionadas têm diferentes experiências, histórias e compreensões sociais, derivadas daquele posicionamento” (YOUNG, 2006, p. 162).Por conseguinte, Young enfatiza que cada uma das perspectivas sociais é particular e parcial em referência ao seu todo. Assim como perspectivas sociais situadas desde diferentes lados das relações de desigualdade estrutural não são necessariamente incompatíveis.Desse modo, compreende-se que uma dada perspectiva social nãosubsumenecessariamente um conteúdo específico.

Em seu artigo dedicado ao estado da arte das noções de *literatura negra* e de *literatura afro-brasileira*, Eduardo de Assis Duarte elenca posicionamentos críticos que dialogam com as questões ora discutidas. A partir da reunião de uma plêiade de intelectuais, de início o autor aborda algumas noções de literatura negra – percebendo-a ora marcada pelo recorte temático,ora marcada pela escrita do sujeito que se assume como negro. Considerando tanto a literatura escrita pelo negro, quanto aquela que o tematiza, para Domício Proença Filho será literatura negra “a arte feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros” (*apud* DUARTE, 2010, p. 116).

Na esteira de Proença Filho, a proposta de Zilá Bernd, cuja definição não se restringe à cor da pele do autor, mas à enunciação do pertencimento, nos diz que: “a montagem da poesia negra faz-se a partir da (re)conquista da posição de sujeito da enunciação, fato que viabiliza a reescritura da História do ponto de vista do negro” (*apud*DUARTE, 2010, p. 117). Para Uruguay C. González (2011), ao considerarque qualquer pessoa pode assumir o ponto de vista de uma pessoa negra, a proposta de Bernd aparenta desconhecer a importância da experiência vital e da subjetividade enquanto matérias-primas da elaboração artística. Por sua vez, Luiza Lobo (*apud* DUARTE, 2010) defende que a literatura negra não deve incluir a produção escrita por autores brancos, sob pena de que a relativização da questão quanto a autoria pode implicar no fato de que qualquer pessoa tenha a possibilidade de se identificar existencialmente com a condição de afrodescendente e, considerando o atual contexto sociocultural do nosso país, a teórica aponta que essa possibilidade não seria realizável.

Quanto a uma compreensão de literatura afro-brasileira, Duarte conduz a discussão abordando questões relativas à temática, à autoria, ao ponto de vista, à linguagem e ao público. E, embora nos alerte de que se trata de um conceito em construção, o autor nos aponta alguns elementos que distinguem a literatura afro-brasileira:

> Uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de

> tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um *ponto de vista* ou *lugar de enunciação* política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo (DUARTE, 2010, p. 122, grifos do autor).

O *ponto de vista*, enquanto elemento destacado por Duarte entre aqueles que identificam a literatura afro-brasileira, diz respeito à visão de mundo e ao universo axiológico que o autor apresenta na escrita do texto, pois, "o conjunto de valores que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação" (DUARTE, 2010, p.127).

Conceição Evaristo, em uma das notas de seu artigo *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (2009a), declara que não se opõe aos pesquisadores que defendem o ponto de vista enquanto aspecto preponderante na conformação da escrita afro-brasileira, tal qual posicionamento apresentado por Bernd sobre a noção de literatura negra. Entretanto, Conceição Evaristo promove uma profunda reflexão sobre a questão da autoria negra e feminina, a partir do argumento de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea:

> Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma 'subjetividade' própria vai construindo a sua escrita, vai 'inventando, criando' o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um 'corpo-mulher-negra em vivência' e que por ser esse 'o meu corpo, e não outro', vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta.As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influiu e influi em minha subjetividade (EVARISTO, 2009a, p.18).

Apresentando uma contrafalaao discurso do poder, Conceição Evaristo fundamenta seu projeto literário – a *escrevivência* – consolidando uma perspectiva feminina e afrodescendente em seu processo de elaboração escrita. Contrariando a ideia da afasia

relacionada à mulher negra, visto que esta é comumente compreendida como sujeito de capacidade inata para cuidar e servir[4], estando dissociada da ideia de sujeito com consciência autorrepresentativa, Conceição Evaristo empunha a pena e traça uma grafia situada desde experiência(s) proveniente(s) das circunstâncias perfomatizadas comomulher negra na sociedade brasileira:

> Sendo as mulheres negras invibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos de segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se "da pena", objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p. 205, grifo da autora).

Sueli Carneiro, fundadora e coordenadora executiva de Geledés – Instituto da mulher negra, em seu artigo "Enegrecer o feminismo" (2001) estabelece argumentos quanto as possíveis articulações entre as variáveis de gênero, classe e raça[5] à promoção de um feminismo que contemple as reivindicações das mulheres negras. Pois, somando-se aos argumentos da feminista afro-americana Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro aponta os conteúdos que as mulheres negras abordam nas propostas de gênero:

> A feminista negra norte-americana Patricia Collins argumenta que o pensamento feminista negro seria "(...) um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro-americanas, que oferece um ângulo particular de visão de si, da comunidade e da sociedade... que envolve interpretações teóricas da realidade das mulheres negras por aquelas que a vivem..." A partir dessa visão, Collins elege alguns "temas fundamentais que caracterizariam o ponto de vista feminista negro". Entre eles, se destacam: o legado de uma história de luta, a natureza interconectada de raça, gênero e classe e o combate aos estereótipos ou "imagens de autoridade" (CARNEIRO, 2001, p. 05).

[4] Tal argumento está associado ao pensamento da feminista afro-americana bellhooksque, em seu artigo "Intelectuais Negras", aborda a insistência cultural em promulgar a imagem da mulher negra relacionada, em função da estereotipação, à ama de leite; ou seja, com aptidão ao trabalho doméstico e inapta ao trabalho intelectual: "o sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros" (hooks, 1995, p.468).

[5]Ressaltamos que, em conformidade com o pensamento crítico de Conceição Evaristo (2009, p. 18), a utilização do termo *raça*, assim como de termos correlatos, compartilhados nesta pesquisa, compreende uma noção de raça ancorada em construtos sociais e não enquanto categoria biológica.

É notório que o esforço de Sueli Carneiro à expansão das genealogias do feminismo comunga com a proposta de escrita oriunda de uma visão particular [e não totalizada] de si e da sociedade ancorada na experiência de ser mulher negra, tal como o edificado por Conceição Evaristo em sua escrevivência. Consideramos, portanto, que a relação das mulheres negras com o feminismo *tout court* está em par com a relação entre as mulheres negras e a Literatura. Vivenciando a exclusão social, política e econômica operada historicamente àquela(es) provenientes da diáspora africana, Conceição Evaristo sente a necessidade de produzir uma escrita ancorada na memória e na experiência concreta da mulher negra:

> Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi aí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita, ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?
> Mais um momento, ainda bem menina, em que a escrita me apareceu em sua função utilitária e às vezes, até constrangedora, era no momento da devolução das roupas limpas. Uma leitura solene do rol acontecia no espaço da cozinha das senhoras:
> 4 lençóis brancos,
> 4 fronhas,
> 4 cobre-leitos,
> 4 toalhas de banho,
> 4 toalhas de rosto,
> 2 toalhas de mesa,
> 15 calcinhas,
> 20 toalhinhas,
> 10 cuecas,
> 7 pares de e meias,
> etc, etc, etc(EVARISTO, 2007, p. 16-17).

Através de sua literatura marcada pela militância social, de gênero e étnica, Conceição Evaristo solapa o discurso dominante que insiste em apresentar uma visão de mundo monolítica. A escrita de Conceição Evaristo revolve as estruturas de poder escamoteadas sob a cortina de fumaça da*democracia racial* e implode barreiras, extravasando vozes marginalizadas pelos códigos de vigência: "A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos" (EVARISTO, 2007, p.21). A par disso, Roland Walter, em seu artigo "Entre gritos, silêncios e visões", assinala a necessidade de uma literatura produzida no sentido de contradizer o mito da democracia racial:

> O ato de revisar e retificar a história narrada pelos outros, ato este que implica a recriação da episteme cultural afro-brasileira com base na própria mitopoética, se faz necessário por causa do falso mito de uma mestiçagem "democrática" que trouxe "benefícios" para "todos" e em nome do qual fatos e eventos históricos foram e continuam sendo distorcidos e/ou esquecidos (WALTER, 2012, p.152).

Nos versos da poesia "América negra[6]" o poeta e ensaísta Élio Ferreira de Souza lança uma interrogação ao poder colonial: "Pereci milhões de vezes, / arrebentado / de tanto trabalhar. / Afinal de contas, / quando você me pagará seus débitos?" (2014, p.35). A partir do questionamento de Élio Ferreira em "América Negra", Roland Walter discorre sobre os efeitos do poder colonial em nossa atualidade:

> O acúmulo de riquezas, por um lado, e o acúmulo de pobreza, por outro; acúmulo este que constitui uma das bases principais da violência, da má distribuição da terra e do baixo nível de educação que dilaceram o país. Um país que, depois de se enganar com o mito da democracia racial, continua "emparedado", no sentido de João de Cruz e Souza (1986, p. 28), dentro de sonhos, muros e "brumas ensanguentadas de nossos pesadelos" (CUTI, 2004, p. 25). Uma nação − "recortada por veias negras / abertas" (CUTI, 1988, 48) − que se denomina multicultural, mas é incapaz de traduzir o princípio de igualdade e justiça para a estrutura social e a conduta do seu povo (WALTER, 2012, p. 153).

É desde um lugar de minoria que Conceição Evaristo sentencia a estética da escrevivência que consubstanciará sua produção seja de poemas, de prosa ou ensaística. Nesse sentido, ressaltamos que nossa compreensão sobre o termo *minoria* parte do apresentado por Homi K. Bhabha em sua obra *O local da cultura.* Consoante, a minoria, que é constituída por uma série de grupos cultural e/ou racialmente marginalizados, assume-se como tal, "não para negar a sua diversidade, mas para, com audácia, anunciar o importante artifício da identidade cultural e de sua diferença [...]" (1998, p. 102).Bhabha indica que grupos políticos de origens diversas unem-se não com o intuito de homogeneizar sua opressão, mas para fazer dela uma causa comum.

Deste modo, a escrita é compreendida como espaço de rasura diante do silenciamento imputado às minorias, bem como de articulação entre o sensível e o inteligível enquanto

[6]A poesia "América Negra" foi publicada originalmente nos *Cadernos Negros* 27 em 2004 e relançada, também pela editora Quilombhoje, em 2014 na coletânea que reúne parte da produção poética de Élio Ferreira de Souza: *América Negra e outros poemas afro-brasileiros.*

possibilidade de ressignificação da opressão, oportunizando a emergência de novas possibilidades de compreensão do mundo:

> Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p. 202).

Conforme apresentação elaborada por Maria Consuelo Cunha Campos e Eduardo de Assis Duarte (2014ª, p. 207),Maria da Conceição Evaristo Costa nasceu em Belo Horizonte (MG), em 29 de novembro de 1946. É a segunda dos nove filhos de Joana Josefina Evaristo Vitorino e Aníbal Vitorino. Conciliava o estudo no Instituto de Educação, tradicional escola pública onde concluiu o antigo Curso Normal, com o trabalho de empregada doméstica. Em 1973 deixa a capital mineira e parte para o Rio de Janeiro em busca de um concurso público para que pudesse exercer a profissão de professora. Primeira de sua família a obter o diploma de curso superior, Conceição Evaristo forma-se em Letras-Português pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Com a dissertação *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996) torna-se mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Pesquisando a relação entre a literatura afro-brasileira e a produção literária africana de língua portuguesa, com a tese intitulada *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), torna-se doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Em depoimento concedido a Eduardo de Assis Duarte, Conceição Evaristo rememora uma parte de sua trajetória:

> [...]. Nasci, fui criada e morei, até por volta de meus 25 anos (1971), em uma grande favela de Belo Horizonte. Sou a segunda de nove irmãos, as quatro primeiras filhas, minha mãe criou praticamente sozinha. Tive uma infância de desejos frustrados e de muitas e muitas indagações. Foi nesse tempo, talvez, que apurei minha sensibilidade para o enfrentamento com o mundo. Muitas vezes assisti minha mãe chorar porque não tinha o que nos dar de comer. Faltavam roupas, sapatos, água, mas não faltava a esperança (EVARISTO *apud* DUARTE, 2014b, p. 103).

Ainda que com uma infância marcada pela pobreza, Conceição Evaristo destaca o quão rico foi seu contato com a literatura a partir do convívio com sua família. Contrapondo a escassez

dos recursos materiais, a abundância de narrativas orais transmitidas pela mãe, tias e tios se fez presente em sua vida, apurando-lhe o gosto de ouvir e contar histórias:

> Cresci escutando histórias narradas por minha mãe, tias e tios. Histórias da escravidão, de princesas, de assombrações e outras. Os causos sobravam pelos cantos da minha casa. Durante muito tempo nem rádio tínhamos, televisão assistíamos vez ou outra na casa de uma vizinha. E já que a imagem televisiva não invadia a nossa casa, o nosso imaginário foi se apurando no exercício de uma invenção própria, a partir daquilo que nos cercava. Gosto muito de ouvir e contar histórias até hoje (EVARISTO *apud* DUARTE, 2014b, p. 104).

Conceição Evaristo, que integrou o grupo de escritores selecionados para representar o Brasil no Salão do Livro de Paris 2015, publica suas primeiras poesias em 1990 nos *Cadernos Negros* organizado e editado pelo Grupo Quilombhoje de São Paulo. A partir de então, passa a integrar antologias de contos e poesias publicadas tanto no Brasil, quanto no exterior. Neste ínterim, a autora vive a experiência partilhada por muitos dos escritores afrodescendentes: "o reconhecimento do nosso trabalho por um público estrangeiro, enquanto no Brasil somos meros desconhecidos" (*apud* DUARTE, 2014b, p. 109). Assim como suas obras literárias, a produção ensaística de Evaristo é publicada em revistas, livros e periódicos acadêmicos nacionais e estrangeiros.

Lançado em 2003 *PonciáVicêncio* é o primeiro romance de Evaristo que vem a público. Conforme o exposto por Bárbara Araújo Machado (2014), conquanto o romance tenha sido publicado pela editora Mazza, foi a autora que, através de um empréstimo pessoal, financiou a edição. Mesmo não atingindo um amplo circuito de distribuição, *PonciáVicêncio*obteve uma excelente recepção crítica e literária, sendotraduzido para língua inglesa e reimpresso em versão de bolso. Entrecruzando o presente e o passado, o romance representa a trajetória do povo da diáspora africana conforme uma realidade que permanece racialmente dividida desde o período escravocrata: "A cana, o café, a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento e da revolta suicida" (EVARISTO, 2003, p. 82).

Consagrado o sucesso de *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo é convidada pela editora Mazza para publicar *Becos da Memória* em 2006, romance que expõe um violento processo de desterritorialização dos moradores de uma favela. Através das vivências e memórias da personagem protagonista Maria-Nova a obra retrata uma tecitura de vozes-espaços marginalizados, de forma a desestabilizar as conceituações hierarquizantes, desde o continente africano – berço materno da humanidade – representado pela figura de Vó Rita:

> [Maria-Nova] Dormiu. E foi Vó Rita que veio no seu último sono-sonho ali na favela.
> Vó Rita entrou devagarinho no quarto. De repente. Calada. (...) Abriu a blusa e, através do negro luzidio e transparente da sua pele, via-se lá dentro um coração enorme.
> E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens.
> Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos...
> Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira (EVARISTO, 2006, p. 167).

Em 2008 a autora lança a coletânea *Poemas da recordação e outros movimentos*. Em depoimento concedido à Machado (2014, p. 79), Conceição Evaristo revela seu empenho em fortalecer a então recém lançada Nandyala, editora fundada por Íris Amâncio e voltada para a temática afro-brasileira. Dessa forma, novamente é a autora quem custeia a publicação de sua obra. A veemência do eu-lírico, a voz-corpo da mulher negra em vivência, verificada nos versos de "Eu-Mulher", constante na mencionada coletânea, nos possibilita entrever a tônica dos poemas de Conceição Evaristo:

> **Eu-Mulher**
>
> Uma gota de leite
> me escorre entre os seios,
> uma mancha de sangue
> Me enfeita entre as pernas.
> Meia palavra mordida
> Me foge da boca.
> Vagos desejos insinuam esperanças.
>
> Eu-mulher em rios vermelhos
> inauguro a vida.
> Em baixa voz
> Violento os tímpanos do mundo.
> Antevejo.
> Antecipo.
> Antes-vivo
>
> Antes – agora – o que há de vir.
> Eu fêmea-matriz.
> Eu força-motriz.
> Eu-mulher
> abrigo da semente
> moto-contínuo do mundo,
> (EVARISTO, 2008, p. 18).

Nos versos da poesia "Eu-Mulher" vemos uma rasura defronte a negação, em nossa sociedade, da representatividade da mulher negra enquanto núcleo de sua descendência. Tal como pontua Conceição Evaristo em seu ensaio "Dos sorrisos, dos silêncios e das falas" (2009b) há uma diversidade de material, seja escrito ou iconográfico, fotos, pinturas, que apresentam as mulheres negras no papel da mãe-preta, da ama-de-leite, da babá, enfim. Contrapelo, a mulher negra é destituída do papel de "fêmea-matriz" e "força-motriz" da própria família; pois, "[...] percebe-se que na literatura brasileira, ao longo dos tempos, a mulher negra não surge representada como mãe, musa ou heroína romântica" (EVARISTO, 2009b).

Em 2011 é a vez da antologia de contos *Insubmissa lágrimas de mulheres*, na qual, conforme pesquisa de Machado (2014), a autora assumiu 60% das despesas com a publicação, enquanto os 40% restantes ficaram a cargo da editora Nandyala. Tal antologia é composta por 13 contos cujos títulos atendem pelo nome próprio de suas protagonistas. Através do discurso-indireto livre a voz-griote da narradora conta a história de cada uma das 13 mulheres que nomeiam os contos. Neste sentido, o leitor imbuído na tarefa de ler-ouvir soma-se a autora na abertura de um espaço onde vozes historicamente marginalizadas – as vozes de mulheres negras – tornam-se audíveis, confrontando, pois, a supremacia do poder patriarcal.

Considerando nosso contexto social, Rita Terezinha Schmidt assinala, em seu artigo "Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar?", que "no circuito em que saber narrar significa, antes de tudo, saber repetir o que foi ouvido para fortalecer o dom da palavra como ritualização de valores legitimados pela sociedade, as narrativas se institucionalizaram segundo a tradição de um saber masculino" (1998, p. 186). Escrevendo sob a égide da escrevivência, Conceição Evaristo possibilita a emergência de narrativas sob o ponto de vista da mulher negra, ou seja, narrativas "de um sujeito politicamente engajado em uma nova conceituação de si e de suas relações com o mundo que o cerca" (SCHMIDT, 1998, p. 188). Avaliando, no prefácio da mencionada antologia, o tênue limite firmado em sua escrita entre a realidade do mundo que a cerca e a ficção, Conceição Evaristo declara:

> Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E, no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. […] Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso.

> Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2011, p. 09).

A antologia de contos *Olhos d'água* – que rendeu à autora um prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas em 2015 – é publicada em 2014 numa coedição da Fundação Biblioteca Nacional e da Pallas editora. *Olhos d'água*reúne 15 contos que abordam temas como discriminação racial, de classe e de gênero. A voz-griote traz à tona as raízes históricas das dores e exclusão das mulheres e dos homens da diáspora africana. São histórias, de acordo com Jurema Werneck na introdução da obra, "que insistem em dizer o que tantos não querem dizer" (*apud* EVARISTO, 2014, p. 14). Dotadas de uma linguagem poética e fluida, as narrativas de Conceição Evaristo traduzem a complexidade de uma realidade racializada. Neste contexto, Werneck sobreavisa: "O lugar de mero ouvinte é desautorizado. Nesta literatura/cultura, a palavra que é dita reivindica o corpo presente. O que quer dizer ação" (*apud* EVARISTO, 2014, p.14). Por seu turno, assinando o prefácio da antologia, Heloisa Toller Gomes pontua que "os contos, sempre fincados no fugidio presente, abarcam o passado e interrogam o futuro" (*apud* EVARISTO, 2014, p. 10), conforme podemos entrever neste excerto do conto "Os amores de Kimbá"[7]:

> As rezas de vó Lidumira lhe irritavam profundamente. A velha rezava por tudo e por nada. E ele não via milagre algum. Não via nada de bom acontecer com ela ou com a família. A avó nascera de mãe e de pai que foram escravizados. Ela já era filha do "Ventre Livre", entretanto vivera a maior parte de sua vida entregue aos trabalhos em uma fazenda. A mãe e as tias passaram a vida se gastando nos tanques e nas cozinhas das madames. As irmãs iam por esses mesmos caminhos. E ele, ele mesmo, estava ali, naquele esfrega-esfrega de chão de supermercado (EVARISTO, 2014, p.92).

A escassez de publicações e difusão da literatura produzida por autores e autoras negras pode ser percebida como sintoma da violência epistêmica promovida através da

[7] O conto "Os amores de Kimbá" e "Di Lixão" integram a antologia *Olhos de azeviche*: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira*,* lançada no início deste ano pela editora Malê. Além de Conceição Evaristo, a mencionada antologia reúne contos e crônicas das autorasAna Paula Lisboa, Cidinha da Silva, Cristiane Sobral, Esmeralda Ribeiro, Fátima Trinchão, Geni Guimarães, Lia Vieira, Miriam Alves e Tais Espírito Santo.O lançamento da antologia *Olhos de azeviche* atesta o esforço da editora Malê, fundada em 2016 por Vagner Amaro em parceria com Francisco Jorge e voltada exclusivamente à produção de autoras(es) negras(os) contemporâneas(os), em ampliar os horizontes de um mercado editorial que não reflete a diversidade cultural brasileira.Por oportuno, ressaltamos que a editora Malê desponta – energicamente destoando do meio masculino e monocromático – no mercado editorial nacional com o lançamento da obra *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016) de Conceição Evaristo. Reservamos tal obra a uma futura abordagem, mas remetemos o leitor interessado na mesma à resenha intitulada "A fortuna de Conceição Prefácio a *Histórias de leves enganos e parecenças*" (2016), elaborada por Assunção de Maria Sousa e Silva.

constituição de um cânone etnocêntrico. Considerando, de acordo com Boaventura de Sousa Santos, que, em grande parte, o estabelecimento do cânone foi "um processo de marginalização, supressão e subversão de epistemologias, tradições culturais e opções sociais e políticas alternativas em relação às que foram nele incluídas" (2002, p. 18), ressaltamos a necessidade de apurarmos nossa criticidade em direção ao que foi silenciado e excluído pela ordem vigente estruturada sob signo do sistema mundial colonial / moderno:

> Escavar no lixo cultural produzido pelo cânone da modernidade ocidental para descobrir as tradições e alternativas que dele foram expulsas; escavar no colonialismo e no neocolonialismo para descobrir nos escombros das relações dominantes entre a cultura ocidental e outras culturas outras possíveis relações mais recíprocas e igualitárias (SANTOS, 2002, p. 18).

Neste contexto, a produção literária das mulheres negras padece de dupla supressão, pois, em função do gênero e da raça. Ademais, a insistência na representação da mulher negra através dos rótulos de mulata, doméstica e mãe-preta (GONZALEZ; EVARISTO; DUARTE, 1984, 2005, 2009), auxiliam na reprodução dos estereótipos que funcionam como forma de manutenção do poder hegemônico. Na elaboração do seu artigo intitulado "Racismo e sexismo na cultura brasileira", a intelectual e feminista Lélia Gonzalez manifesta sua perspectiva enquanto mulher negra como forma de confrontar a lógica de dominação: "Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (*infans*, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa" (1984, p. 225).

A ficcionista e ensaísta Conceição Evaristo (*apud* DUARTE, 2014) assegura que o ponto de vista assumido no seu processo de criação literária não se desvincula da sua condição de cidadã brasileira, negra, mulher, mãe, professora, viúva, proveniente das classes populares, entre outras marcas identitárias que influenciam na criação de seus enredos, personagens e em suas escolhas quanto a forma e linguagem adotada. Através de sua escrevivência – projeto estético consubstanciado pelo ponto de vista adotado em função da experiência pessoal e intransferível da autora ou autor – Conceição Evaristo articula uma autorrepresentação, contrariando a lógica de dominação queresvala o que está fora dos padrões estabelecidos pelo cânone ocidental às margens. Assumindo um *lócus* de enunciação periférico e sob uma perspectiva não-exógena, Conceição Evaristo denuncia a exclusão social enquanto partícipe do nosso passado histórico, além de questionar a autoridade simbólica e material do grupo de prestígio. Outrossim, percebemos que a voz autoral de Conceição

Evaristo, à medida que expressa marcas do seu pertencimento sociocultural, favorece a abertura de espaços onde vozes socialmente negligenciadas tornam-se audíveis.

ABSTRACT: Considering the literary texts and essays produced by the Afro-Brazilian Conceição Evaristo, especially her aesthetic and political project defined as *escrevivência* (2005, 2007, 2009), this paper presents some considerations in relation to the self-representation of Black women in Brazilian literature. This way, we noticed that Conceição Evaristo's authorial voice, as it expresses the marks of her sociocultural belonging, open spaces where socially neglected voice s can be heard.

Keywords: Conceição Evaristo. *Escrevivência*. Point of view. Self-representation.

Referências

AMARO, Vagner (Org.). **Olhos de azeviche:** dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: _____; CARONE, Iray (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo***:* Estudos sobre branquidade e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25-58.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE RACISMO, XENOFOBIA E GÊNERO, 2001, p. 1-5, Durban. **Anais...** Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea,** Brasília, n. 31, jan./jun. 2008, p. 87-110.

DUARTE, Eduardo de Assis. Depoimentos - Conceição Evaristo. In: _____; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. 1. reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014b, p. 103-116. (História, teoria, polêmica, v. 4).

_____. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem,** Rio de Janeiro, n. 23, jul./dez. 2010, p. 113-138.

_____. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. **Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários, Londrina, v. 17-A, dez. 2009, p. 6-18.

_____; CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Conceição Evaristo. In: Eduardo de Assis Duarte (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil:** antologia crítica. 1. reimpr. Belo Horizonte: UFMG, 2014ª, p. 207-226. (Consolidação, v. 2).

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. **Becos da memória.** Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

_____. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca nacional, 2014.

_____. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo:** etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

_____. Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). **Representações performáticas brasileiras:** teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

_____. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, n. 25, v. 13, 2. sem., 2009a, p. 17-31.

EVARISTO, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Orgs.). **Mulheres no Brasil:** Resistência, lutas e conquistas. João Pessoa: Editora Universitária -UFPB, 2009b. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/dos-sorrisos-dos-silencios-e-das-falas.html>. Acesso em: 5 jun. 2015.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira.**Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, Anpocs,1984, p. 223-244.

GONZÁLEZ, Uruguay Cortazzo. Branquitude e crítica literária. In: SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição. (Orgs.). **Literatura, história, etnicidade e educação**: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diásporaafricana. Frederico Westphalen: Editoria URI, 2011, v. 2, p. 119-130.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas,** Rio de Janeiro, v. 3, n. 2,1995, p. 464-478.

MACHADO, Bárbara Araújo. **Recordar é Preciso:** Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008). 2014. 130 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar?.**Revista Letras,** Santa Maria, n. 16, 1998, p. 183-96.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. A fortuna de Conceição: Prefácio a Histórias de leves

enganos e parecenças. **Portal Literafro,** 2016.Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 09 jan. 2017.

SOUZA, Élio Ferreira de. América Negra. In: _____. **América Negra ɛt outros poemas afro-brasileiros.** São Paulo: Quilombhoje, 2014.

WALTER, Roland. Entre gritos, silêncios e visões: pós-colonialismo, ecologia e literatura brasileira. **Revista Brasileira de Literatura Comparada,** São Paulo, n. 21, 2012, p. 137-168.

YOUNG, Iris Marion. Representação política, identidades e minorias. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 67, 2006, p. 239-267.